

Behaviorismo, Quantificação e História. Evolução Teórica e Metodológica da "Nova" História Política (*).

Ernesto A. Ruiz (**)

1. Introdução.

Na segunda metade da década de 1950 teve lugar nos Estados Unidos uma nova orientação metodológica que deu uma forte valorização à teoria e enfatizou fortemente a quantificação na investigação histórica. Esta nova orientação metodológica definiu a História como uma ciência social. Uma nova concepção da natureza da ciência e da consciência humana modificou as idéias tradicionais acerca do fazer histórico. Como na Física moderna, a nova orientação metodológica concebeu a História não como uma fiel reprodução de uma realidade objetiva, senão como um sistema conceitual construído a partir de hipóteses testáveis, as quais sempre foram tentativas de aproximação a essa realidade. Incorporou também o elemento de contingência e probabilidade, além do fator subjetivo introduzido pelo observador. O método do historicismo tradicional onde o exame crítico dos documentos permitiu que os fatos falassem por si mesmos, já não foi aceito como válido. O historiador, igual que um cientista das ciências naturais, teve que formular hipóteses para explicar a transformação social e utilizar modelos, preferivelmente quantificáveis, para explicar os fenômenos estudados.

Dentro deste esquema a teoria jogou um papel decisivo na investigação histórica. Os fatos não falam por si mesmos senão somente a alguém que teve uma hipótese que quisesse verificar. Cada fato que o historiador estabeleceu pressupôs algum tipo de construção teórica.⁽¹⁾ A História não foi o estudo do único e do não repetível.

(*) A tradução deste artigo, originalmente escrito em espanhol, se deve à Professora Regina Maria Erdmann do Departamento de Ciências Sociais da UFSC.

(**) Professor Visitante do Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

Tal como formulou o Comitê sobre Historiografia do Social Science Research Council em 1954, a função da teoria na História foi "precisamente a mesma que em qualquer outro campo do conhecimento: sugerir problemas, proporcionar categorias para a organização dos dados, suprir hipóteses pelas quais várias interpretações dos dados devem ser testadas, e estabelecer os critérios da evidência." (2)

Se bem que a teoria jogou um papel importante, a quantificação se transformou no aspecto mais evidente na produção historiográfica norte-americana na década de 1960. Por quantificação deve-se entender o uso sistemático de métodos lógicos-matemáticos e técnicas estatísticas na explicação causal do passado e a adoção de teorias, conceitos e procedimentos operacionais derivados das ciências sociais na investigação histórica. Pelo volume e as áreas de investigação cobertas, como pelas inovações metodológicas introduzidas nos trabalhos realizados, a nova orientação representou não só uma modificação fundamental com relação à historiografia tradicional, senão também uma "revolução quantitativa" de um ponto de vista metodológico.

A "revolução quantitativa," na prática, foi produto de três tendências concomitantes: 1) a influência da teoria e da metodologia do behaviorismo na formulação da "Nova" História Política ("New Political History"); 2) o processamento massivo de dados com o uso de cartões perfurados e computadores, principalmente na área da história social, para realizar estudos sobre urbanização, grupos étnicos, mobilidade social, etc.; e 3) a necessidade de reconciliar a teoria com a história econômica que se manifestou com a "Nova" História Econômica ou "Cliometrics".

Este trabalho, contudo, tem um objetivo limitado. Seu propósito principal é analisar as origens e a evolução dos métodos quantitativos na História Política, traçar ao mesmo tempo o nascimento e desenvolvimento da teoria behaviorista em Ciência Política e, finalmente, mostrar a influência da quantificação e do behaviorismo na pesquisa do passado político que se cristalizou com a chamada "Nova" História Política.

Apesar do debate criado pela "revolução quantitativa," a utilização de métodos estatísticos na investigação histórica, não foi algo completamente novo na historiografia norte-americana. Na reali-

dade, a tendência à quantificação esteve presente na investigação histórica norte-americana desde fins do século passado, quando um grupo de historiadores, denominados "progressistas" tentaram converter a História em uma ciência social.

2. *Progressivismo e Quantificação em História.*

A evolução da historiografia norte-americana mostra que a utilização dos métodos quantitativos na história foi anterior à generalização do seu uso em outras ciências sociais. ⁽³⁾ O desejo de estabelecer a história como uma ciência social levou os historiadores "Progressistas" a utilizar procedimentos estatísticos na investigação do passado. Os historiadores "Progressistas" ("Progressive Historians") foram os representantes da "Nova História" proposta por Frederick J. Turner, Charles A. Beard, James Harvey Robinson, Vernon Lewis Parrington e Arthur Schlesinger Sr. entre outros, no começo deste século. ⁽⁴⁾

A "Nova História" combinou aspirações políticas com conceitos históricos. Para seus representantes, a história deveria ser relevante para o presente. Sua função foi promover reformas políticas e econômicas de tipo democrático-liberal. A história foi concebida como um conflito sócio-econômico e ideológico entre os privilegiados e os não-privilegiados, e a evolução histórica da sociedade norte-americana foi percebida como a emancipação e a ascensão do "homem Comum" ("Common man") a uma posição de significância política e social.

Do ponto de vista metodológico, os historiadores progressistas se opuseram à história fatual concebida estreitamente na tradição da Escola Histórica Alemã e formulada como a narração dos acontecimentos políticos. Eles propuseram como alternativa a análise de fenômenos econômicos, políticos, sociais e culturais, adotando os métodos das ciências sociais, principalmente da Geografia, da Economia e da Sociologia, usando as estatísticas como um meio de analisar a evolução histórica do "homem comum" e as transformações sociais que dirigiram o curso da história à criação de uma sociedade democrática e igualitária.

Geralmente se atribui a Frederick Jackson Turner e a alguns de seus discípulos nas universidades de Wisconsin e Harvard, no final do século passado, a origem e a utilização sistemática de estatísticas no

estudo da história política e social norte-americana. ⁽⁵⁾ Turner foi um pioneiro na utilização de mapas estatísticos e na difusão de técnicas quantitativas para realizar biografias coletivas da elite política norte-americana. A cartografia estatística foi desenvolvida inicialmente pelos geógrafos do Escritório de Censos (U.S. Census Bureau), mas Turner a adaptou para convertê-la em um instrumento analítico do historiador. Em seus seminários, Turner difundiu o uso do mapa estatístico para traçar a distribuição de votos em recintos, distritos eleitorais, e Estados, em relação às características étnicas, educacionais, econômicas, religiosas, etc., dos votantes. ⁽⁶⁾

O uso do mapa estatístico foi um meio de processar dados obtidos de fontes primárias censórias, os quais, em sua forma original, careciam de valor para o historiador ignorante dos métodos estatísticos. Uma comparação entre dois mapas permitiu uma correlação visual entre variáveis. Turner utilizou também o mapa estatístico para reafirmar sua crença na importância do fator geográfico na história, principalmente na formulação da teoria da "fronteira" ("frontier's thesis") e o impacto do "regionalismo" geográfico ("sectionalism") na história política dos Estados Unidos. Turner considerou a experiência da colonização como o fator decisivo na formação de uma sociedade democrática e no desenvolvimento do caráter nacional norte-americano. ⁽⁷⁾

Turner também difundiu o uso das estatísticas para realizar biografias coletivas de líderes políticos. Este tipo de técnica foi inicialmente utilizado nos Estados Unidos por Henry Cabot Lodge. Inspirado num estudo sobre a classe dirigente britânica, feito por Arthur Conan Doyle, Cabot Lodge manipulou estatisticamente 14.243 nomes tirados da *Appleton's Cyclopedia of American Biography* para escrever "The Distribution of Ability in the United States." ⁽⁸⁾ Por sua vez, Turner possivelmente influenciado por Cabot Lodge, promoveu e difundiu o estudo das origens, características pessoais, o tipo de distrito eleitoral e as diferenças étnicas e sócio-econômicas dos eleitores dos diferentes líderes políticos. ⁽⁹⁾ Um exemplo importante deste tipo de investigação são os dois trabalhos de um dos mais distinguidos discípulos de Turner, Charles A. Beard, *An Economic Interpretation of the Constitution* (1913) e *The Economic Origins of Jeffersonian Democracy* (1915).

A análise do comportamento legislativo a partir da quantificação de votações nominais ("roll-call analysis") foi desenvolvido por Orin G.

Libby, discípulo e colega de Turner, e por A. Lawrence Lowell na Universidade de Harvard. Libby, em diferentes trabalhos, propôs o estudo das votações nominais e as biografias coletivas dos membros do Congresso Norte-americano e traçou a distribuição geográfica dos votos pela ratificação da Constituição nos treze Estados originais. Libby também determinou as diferentes facções políticas existentes no Governo de George Washington a partir das votações nominais no Congresso. ⁽¹⁰⁾ A. Lawrence Lowell, seguindo o mesmo procedimento inaugurado por Libby, estudou quantitativamente a influência dos partidos políticos sobre o processo legislativo nos Estados Unidos e na Inglaterra. ⁽¹¹⁾

A utilização do mapa estatístico, a realização de biografias coletivas das elites dirigentes e o estudo quantitativo do comportamento legislativo se transformaram, na primeira década do século, nas técnicas favoritas da investigação histórica. Uma geração de historiadores, através de seus trabalhos, difundiu esses métodos, e para a década de 1920, tais técnicas se haviam incorporado ao estudo da política e da economia. ⁽¹²⁾ A partir do término da Primeira Guerra Mundial começa, sem dúvida, uma tendência que fará com que a aplicação de técnicas quantitativas à investigação histórica perdesse a popularidade original. Entre as causas mais importantes para explicar este fenômeno, duas são de especial importância: a mudança na temática da investigação e as limitadas possibilidades metodológicas das técnicas quantitativas desenvolvidas por Turner, Libby, Lowell e outros historiadores quantificadores.

O impacto da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique na Rússia, e a ascensão dos Estados Unidos a uma posição de hegemonia mundial, modificou a temática da investigação histórica. A preocupação para elucidar as origens da Grande Guerra, de explicar a evolução da classe operária e o impacto da imigração nos Estados Unidos, a investigação sobre a história intelectual e diplomática, foram os aspectos mais sobressalentes da nova orientação. Estes tópicos foram menos suscetíveis de quantificar, enquanto a cartografia estatística permaneceu como a principal técnica disponível. Ninguém pensou, além disso, em desenvolver novas técnicas quantitativas que respondessem às necessidades metodológicas dessas novas áreas de estudo. Também contribuiu ao abandono das novas técnicas quanti-

tativas, a maior acessibilidade aos arquivos contendo manuscritos, panfletos e periódicos. As compilações estatísticas deixaram de ser uma das principais fontes primárias abertas à investigação, passando os documentos outra vez a um primeiro plano. Finalmente, se abandonou também a realização de biografias coletivas. As biografias individuais passaram a ser tópico corrente da investigação quando a redação dos vinte volumes do *Dictionary of American Biography* empregou a 2600 investigadores entre 1928 e 1936. ⁽¹³⁾

De um ponto de vista metodológico, a perda do interesse nos métodos quantitativos se deveu, quiçás, aos inadequados instrumentos estatísticos utilizados pelos historiadores. ⁽¹⁴⁾ Possivelmente, o êxito que teve a cartografia estatística levou a deixar de lado a adoção de técnicas de medição existentes na ciência estatística e os métodos de processamento de dados criados por Herman Hollerith. O mapa estatístico, ainda que importante para lograr interpretações de tipo geográfico, foi uma técnica rudimentar e difícil para processar e interpretar dados em forma massiva. A compilação dos dados e o desenho e a interpretação de bons mapas foi um processo árduo que consumiu grande quantidade de tempo, principalmente quando estes foram realizados por historiadores que assumiram o papel de cartógrafos amadores. Por outra parte, foi tecnicamente difícil correlacionar duas variáveis superpondo um mapa sobre o outro e impossível, ou quase impossível, determinar os efeitos de uma terceira variável. Além disso, o perigo de cometer falácias ecológicas esteve presente em todo o processo, quando por exemplo duas variáveis pudessem ter a mesma distribuição espacial e estas não fossem distribuídas igualmente entre todas as unidades analisadas. ⁽¹⁵⁾

Apesar de insistir na cooperação interdisciplinar na investigação histórica, Turner e outros pioneiros nas técnicas quantitativas pouco se preocuparam em consultar a ciência estatística para saber que técnicas ela podia oferecer. Tal foi que eles nunca adotaram em suas investigações, técnicas elementares como amostra aleatória, gráficos desenhados sobre papel semi-logaritmico e coeficientes de correlação e associação. Eles tampouco se preocuparam em utilizar o sistema de processamento de dados baseado no cartão perfurado, inventado por Herman Hollerith. ⁽¹⁶⁾ O cartão perfurado e a máquina correspondente para tabelar, foram desenhados por Hollerith na década de 1880,

para automatizar a computação dos dados do censo de 1890. Com este método, Hollerith reduziu o processamento de dados de sete anos a dois anos. Tal foi o êxito deste método que rapidamente foi institucionalizado nos Estados Unidos e adotado na Europa. seu uso sem dúvida se generalizara na história, como em outras ciências sociais, recentemente com a popularização do computador eletrônico em meados da década de 1950.

Finalmente, um aspecto importante destes primeiros historiadores quantitadores, foi que em seus trabalhos nunca deixaram explícitos os métodos e técnicas estatísticas que utilizaram. Fiel à narrativa histórica tradicional, eles nunca incorporaram em suas publicações a metodologia e os procedimentos de medição sobre os quais se basearam suas conclusões e, portanto, seus resultados não puderam ser duplicados. Eles tampouco publicaram trabalhos de tipo metodológico que pudesse guiar o trabalho de outros investigadores. Consequentemente, não existiu um progresso metodológico acumulativo e uma herança de técnicas desenvolvidas no passado e as novas gerações de historiadores tiveram que tomar emprestadas técnicas e métodos quantitativos de outras ciências sociais.

Não resta dúvida de que a Escola de Turner manteve seus adeptos por várias décadas, mas o interesse inicial pelos métodos quantitativos, pelas razões dadas, declinou notadamente. Somente um pequeno grupo de historiadores, a maioria deles do Meio-oeste norte-americano, trataram de avançar metodologicamente no estudo quantitativo do passado.⁽¹⁷⁾ A partir de dados censórios, a preocupação destes historiadores foi estudar conceitos como estrutura e mobilidade social e espacial em unidades geográficas específicas. A influência de Turner neles também foi importante pelas implicações teóricas derivadas da "tese da fronteira" enunciada por Turner, para explicar a evolução social e política dos Estados Unidos.

Uma nova fase na história quantitativa se inicia na década da Grande Depressão quando Clarence Crane Brinton e Donald Greer relacionaram quantitativamente o conceito de radicalismo político com o de estrutura social no marco da Revolução Francesa. Brinton, em seu conhecido estudo quantitativo sobre os membros dos Clubes Jacobinos, mostra que seus membros como os seus inimigos, os "aristo-

cratas", não foram uma "classe" senão que na realidade, representavam membros de todas as classes concluindo, portanto, que o Terror foi uma guerra civil, mais que uma luta de classes⁽¹⁸⁾. Greer, por sua parte, realizou um estudo percentual das classes sociais e grupos ocupacionais ao qual pertenceram as vítimas do Terror⁽¹⁹⁾. Da mesma maneira que Brinton, seu estudo mostrou que a maioria das vítimas do Terror não pertenceram à "aristocracia". De acordo com Greer, o Terror não foi uma luta entre classes, senão uma guerra dentro das diferentes classes, a divisão da sociedade foi vertical e não horizontal. Os trabalhos de Brinton e Greer, ainda que debatíveis atualmente, contribuíram notavelmente a revisar as teorias baseadas em conceitos simplistas de luta de classes.

No começo da década de 1950, só um pequeno número de historiadores, desarticulados entre si, fizeram uso de técnicas quantitativas, nos tópicos mais diversos. As técnicas quantitativas, a partir do impulso inicial dado por Turner e seus discípulos, pouco haviam avançado em meio século. Em geral, os historiadores quantitadores durante este período formativo trataram de dar respostas quantitativas a problemas derivados da investigação histórica mesma e não a perguntas formuladas a partir de uma teoria específica, tal como se deu no marco das ciências sociais.

Os problemas colocados estiveram limitados a áreas geográficas e períodos históricos específicos e a quantificação foi utilizada para realizar estudos sobre demografia histórica, mobilidade social e espacial, ecologia política, comportamento legislativo, e biografias coletivas. Os dados utilizados foram, desde o começo, dados em forma numérica e excepcionalmente a quantificação foi vista como um processo de designar números a fenômenos ou fatos, seguindo regras preestabelecidas, para inferir e medir fenômenos ou fatos indiretamente. Dada a natureza do problema e o tipo de dados utilizados, as técnicas estatísticas aplicadas na investigação histórica foram geralmente elementares. As estatísticas foram vistas mais como um meio para descrever variáveis que uma técnica para associar ou correlacionar variáveis. Finalmente, os métodos utilizados muito raramente foram explicitados pelos autores na formulação final de seus trabalhos. Eles somente incorporaram ao texto as conclusões alcançadas deixando fora o método utilizado para lograr essas conclusões. Isto naturalmente impediu

a duplicação da metodologia por outros historiadores para avaliar ou duplicar os resultados e impossibilitou a difusão, crítica e avanço metodológico das técnicas quantitativas entre os pesquisadores.

Dadas as circunstâncias em que se desenvolveu originalmente a aplicação dos métodos quantitativos na História Política, a geração de historiadores que fazem sua aparição na década de 1950, vão tomar emprestados os métodos e as teorias das ciências sociais. O verdadeiro avanço metodológico nas técnicas quantitativas tomou lugar na Sociologia, na Ciência Política e na Economia, justamente quando a quantificação começou a declinar na investigação histórica. Na realidade, essas disciplinas se orientaram quantitativamente influenciadas pelos trabalhos realizados pelos historiadores "progressistas".

A Ciência Política durante as décadas de 1920 e 1930, vai adiantar os métodos que, melhorados durante a Segunda Guerra Mundial, culminarão com a "Revolução Behaviorista" da década de 1950 que mudará a metodologia histórica quantitativa tradicional. O Behaviorismo notavelmente modificou a natureza e a orientação da História Política e Social contemporânea.

3. *Behaviorismo e o estudo da política.*

O uso de técnicas quantitativas na década de 1920 vai passar da História às Ciências Sociais, principalmente à Ciência Política⁽²⁰⁾. Nas décadas de 1920 e 1930 e quando o estudo do comportamento ou behaviorismo político começou a formular seu marco teórico e metodológico. As origens do behaviorismo foram diversas, mas duas obras são de fundamental importância para o seu desenvolvimento. A primeira foi a obra de Charles A. Beard, *An Economic Interpretation of the Constitution of the United States* (1913), produto da Escola de Turner, e a segunda o trabalho de Walter Lippmann, *Public Opinion* (1922), um autor não universitário que orientou o estudo da política para a opinião pública e a configuração das atitudes políticas.

O behaviorismo político iniciou-se como uma reação ao que considerou-se uma inadequada orientação normativa, histórico-descritiva ou jurídico-formal do governo e a política⁽²¹⁾. A nova corrente propôs o estudo da política como uma forma específica da atividade humana.

Sem negar a importância das instituições políticas, o behaviorismo concebeu a estas como pautas de comportamento individual mais ou menos regulares e uniformes, suscetíveis de análises desde o ponto de vista do comportamento de suas unidades básicas. A Ciência Política, tomando como base o indivíduo, deveria tratar de descrever e explicar a conduta política de um grupo, uma organização, uma comunidade, uma elite, um movimento de massas, ou uma nação. Deste ponto de vista o Estado não foi considerado como um corpo de normas jurídicas senão como uma série de grupos sociais em competição constante pelo poder com seus próprios meios de instrumentos. O estudo da política foi visto, então, como uma série de relações de poder e a análise deste último, permitiu uma formalização conceitual-funcional da ciência política. Os problemas do comportamento político puderam formular-se a diferentes níveis de análises, os quais dependeram do problema de pesquisa como do grau de generalização que pretendeu-se obter. O nível de análise também permitiu eleger os métodos e técnicas de pesquisa que deram o tratamento mais rigoroso possível das formulações teóricas e dos dados empíricos do ponto de vista da descrição e verificação de hipóteses ⁽²²⁾.

Na Universidade de Chicago e ao redor da figura de Charles E. Merriam, foi de onde o behaviorismo político tomou suas bases no mundo acadêmico ⁽²³⁾. Merriam, nascido em Iowa em 1874, estudou Política e Sociologia na Universidade de Columbia. Influenciaram sua formação John W. Burgess, E.R.A. Seligman e, principalmente, William Dunning. Este último, influenciado por Frederico J. Turner, ensinou cartografia estatística fazendo da Universidade de Columbia outro centro de pesquisa histórica quantitativa ⁽²⁴⁾. É de notar, que Merriam dedicou a Dunning, uma de suas primeiras obras, *A History of American Political Theories* ⁽²⁴⁾. Posteriormente, Merriam viajou à Alemanha, donde assistiu as aulas de Otto von Gierke e Hugo Preuss e no seu regresso ocupou por quarenta anos, um posto de docente em Ciência Política na Universidade de Chicago donde se aposentou em 1940. Além de haver participado ativamente na política da sua época, Merriam foi na década de 1920, presidente da American Political Sciences Association, fundador do Social Science Research Council e esteve ligado intimamente à Fundação Rockefeller.

A contribuição mais importante de Merriam à Ciência Política foi de conceber a esta como uma relação sistemática entre a teoria e a prática política ⁽²⁶⁾. Seguindo a Dunning, ele considerou que o estudo do comportamento político deveria incluir o estudo interdisciplinar da sociedade. Ele se opôs, contudo, ao determinismo econômico de Charles A. Beard como também ao determinismo behaviorista na Psicologia, Sociologia e Antropologia. O que lhe atraiu destas disciplinas não foram seus princípios e predições, senão a utilidade de seus métodos para enriquecer a Ciência Política. Seu interesse pelo Behaviorismo partiu da convicção de que a prática da política constituía a principal fonte de informação e generalização da Ciência Política. Neste sentido, as filosofias pragmáticas de John Dewey, George H. Mead e T.V. Smith, deixaram sua marca na visão de Merriam de ver a História e a Política como um processo orientado em diversas direções e correntes que foram observáveis e não normativas.

Merriam assentou as bases do estudo do comportamento político conjuntamente com seus colegas Harold F. Gosnell e Harold D. Lasswell. Este último foi primeiro aluno e logo colega de Merriam. Associado com Gosnell Merriam publicou dois trabalhos que avançaram metodologicamente o estudo empírico da política com o uso sistemático de entrevistas pessoais, questionários pelo correio e o processamento massivo de dados com cartões perfurados ⁽²⁷⁾. Gosnell também contribuiu notavelmente ao behaviorismo político nas áreas da pesquisa de campo ⁽²⁸⁾. Harold B. Lasswell, por sua parte, enriqueceu a corrente iniciada por Merriam e Gosnell com novos aportes metodológicos para a análise do conteúdo dos meios de comunicação, em seu estudo sobre as técnicas de propaganda na Primeira Guerra Mundial. Também Lasswell contribuiu, em outro trabalho ao estudo da personalidade profunda no marco da política ⁽²⁹⁾. É de notar que a redor de Merriam, Gosnell e Lasswell surgiram os principais representantes da revolução behaviorista na Ciência Política da década de 1950: Valdemir O. Key, Herbert A. Simon, Gabriel A. Almond, David B. Truman, Avery Laiserson e Uthiel de Sola Poll, entre outros.

Paralelamente aos trabalhos dos autores mencionados, apareceram outros intentos dirigidos à formulação de um marco metodológico mais científico e orientado a uma perspectiva de maior alcance quantitativo. Entre os pioneiros se encontram Georges E. Catlin, Stuart

A. Rice, Herman C. Beyle e Claude E. Robinson. A obra de Catlin, *The Science and Method of Politics*, ainda que não teve grande influência em sua época, atualmente é reconhecida como um intento de avanço conceitual mais não instrumental, na investigação behaviorista da política⁽³⁰⁾. Rice, por sua parte, foi um pioneiro no desenvolvimento e aplicação de técnicas quantitativas. Os índices desenvolvidos por ele, permitiram medir com maior objetividade o grau de semelhança e coesão das votações parlamentares⁽³¹⁾. Suas técnicas quantitativas, contudo, não deram importância à teoria e, portanto, só foram utilizadas recentemente com uma definição mais estrita do marco teórico da investigação. Finalmente, Beyle contribuiu ao estudo quantitativo da política com o desenvolvimento de técnicas estatísticas para o estudo de conglomerados ("cluster-blocs") e Robinson enriqueceu o estudo empírico com a formulação de técnicas de amostragem para a utilização de questionários⁽³²⁾.

Entre 1930 e 1950 o estudo do comportamento político em termos empíricos e quantificáveis identificou-se principalmente em três áreas da investigação. Em primeiro lugar tomou primazia o estudo do comportamento eleitoral e a participação política. A grande disponibilidade dos resultados eleitorais e a existência de listas de eleitores simplificou o seu estudo. As investigações sobre eleições presidenciais nas décadas de 1940 e 1950 realizadas por Paul F. Lazarsfeld, Bernald Berelson, Angus Campbell entre outros, foram modelos deste tipo de investigações⁽³³⁾.

Uma segunda área de estudos foi a análise das atitudes políticas e a formação da opinião pública. George Gallup, Paul F. Lazarsfeld e Hadley Cantril foram os líderes deste tipo de orientação behaviorista⁽³⁴⁾. Finalmente, a terceira área de estudos concentrou-se na análise da personalidade política e a composição social das elites. O estudo da personalidade política foi iniciado por Lasswell e continuado por Theodor W. Adorno⁽³⁵⁾. A análise das elites originalmente iniciado pelos historiadores progressistas foi intensificado pelos emigrados europeus da década de 1930 ou norte-americanos formados na Europa, que familiarizaram a Ciência Política norte-americana com as novas categorias de pesquisa, cujas raízes encontram-se nos trabalhos de Vilfredo Pareto, Gaetano Mosca, Roberto Michels, Max Weber, Karl Marx e Emile Durkheim⁽³⁶⁾. Contribuições representativas deste gê-

nero foram as obras de Lasswell, Abraham Kaplan e C. Wright Mills (37).

O auge dos estudos empíricos da política foi possível, durante este período, devido a dois processos concomitantes. Por uma parte o desenvolvimento de técnicas de quantificação tais como as propostas por Rice, Beyle, Robinson, Lasswell e outros, que permitiram dar aos estudos empíricos uma nova força e dimensão, principalmente com a aplicação de técnicas de amostragem aleatória e o refinamento dos métodos de entrevistas sistematizado. As técnicas de amostragem aleatória permitiram a redução de universos de grande tamanho a um pequeno manejável número de casos representativos. As entrevistas sistematizadas, e sua possível quantificação, permitiram relacionar a análise do comportamento individual ou grupal a instituições, fazendo possível o estudo comparado das estruturas formais de poder.

O auge dos estudos empíricos da política, por outra parte, deveu-se ao fato de que muitas hipóteses desprendida das teorias como as formuladas por Max Weber, Vilfredo Pareto, Roberto Michels e Karl Mannheim continham implicações quantitativas ou sua verificação dependeu da quantificação das mesmas. O conceito de "circulação das elites" de Vilfredo Pareto e a proposição de Roberto Michels sobre a "lei de ferro das oligarquias" implicaram necessariamente, algumas noções de médias e proporções. A idéia de dominação de Max Weber, entendida como "a probabilidade de ser obedecido", implicou na análise e medição sistemática de médias de submissão e obediência. O "princípio de democratização fundamental" de Karl Mannheim foi sustentado na idéia de uma incrementada mobilização e participação política e social — proposição cuja verificação pode ser quantificada. Resumindo, todas estas teorias incluíram uma série de proposições capazes de serem comprovadas empiricamente e medidas dando, ao mesmo tempo, bases para futuras inferências teóricas. Todas estas teorias na prática implicaram perguntas de "quanto", "que rápido", "que diferente", ou, em outras palavras, implicaram perguntas quantitativas em relação à mudança política e social.

4. *A Revolução Behaviorista em Ciência Política.*

Os estudos empíricos-descriptivos de atitudes e comportamentos políticos que se originaram a partir da década de 1930 e que se refi-

naram durante e depois da Segunda Guerra Mundial, contribuíram direta e indiretamente à revolução behaviorista da década de 1950⁽³⁸⁾. O behaviorismo em Ciência Política não foi um movimento homogêneo e tampouco se concentrou em umas poucas áreas específicas de investigação. A diferença do behaviorismo inicial de Merriam, Catlin e Gosnell, entre outros, cuja orientação foi pragmática e a pesquisa dirigida por problemas específicos, o novo behaviorismo da década de 1950 foi motivado por um interesse nos aspectos teóricos e sistemáticos da ciência e a idéia de converter o estudo da política em uma disciplina unificada a partir do estudo do comportamento⁽³⁹⁾.

Uma primeira manifestação da revolução behaviorista foi a continuação dos estudos da composição das elites e sua respectiva influência no contexto sócio-econômico donde elas atuavam. Autores como C. Wright Mills, Floyd Hunter e Robert A. Dahl, aplicaram uma variedade de métodos tanto quantitativos como qualitativos em seus trabalhos sobre a composição e funcionamento das elites e, neste sentido, eles seguiram a tradição iniciada pelos historiadores progressistas⁽⁴⁰⁾. As investigações sobre a análise de conteúdo originalmente iniciadas por Lasswell em seu estudo sobre técnicas de propaganda na Primeira Guerra Mundial, agora alcançaram uma nova dimensão, principalmente quantitativa, nas investigações de Bernald Berelson, Daniel Lerner, Ithiel de Sola Pool, Charles E. Osgood, George J. Suci, Percy H. Tannenbaum e o mesmo Lasswell⁽⁴¹⁾.

Talvez o aspecto mais importante da revolução behaviorista foi uma tomada de consciência de que os problemas que surgem na investigação concreta requereram novos pontos de vistas teóricos e metodológicos⁽⁴²⁾. O behaviorismo da década de 1950 foi uma crítica aos métodos de análise descritivos, institucionais e históricos tradicionais, argumentando a falta de uma formação teórica na disciplina. O interesse mostrado nos aspectos teóricos da disciplina esteve associado com o desenvolvimento de proposições causais possíveis de serem testadas empiricamente. Causação, neste contexto, teve poucas similaridades com o conceito clássico de causa. Tal como o utilizaram os behavioristas, a causação implicou relações de associação e ou correlação entre o que pode ser identificado como uma série de variáveis dependentes e independentes.

As origens desta nova atitude com respeito ao estudo da política foram diversas, mas o uso sistemático de modelos e técnicas matemáticas na análise da política, originados nas décadas de 1920 e 1930 e intensificados a partir da Segunda Guerra Mundial, talvez seja a principal causa desta nova orientação. A maior consequência desta nova tendência foi o abandono de causas únicas na explicação de fenômenos políticos como a introdução da análise multivariada. O que caracterizou este tipo de análise foi determinar de que maneira uma pluralidade de variáveis independentes, ou condições antecedentes no passado, cada uma sozinha ou em relação e/ou em interação com outras, contribuíram não a um resultado ou consequência senão, antes a uma série, mais ou menos provável, de possíveis resultados ou fenômenos políticos. O resultado desta nova orientação foi o que J. David Singer denominou "conhecimento correlacional"; tratar de determinar que variáveis apareceram correlacionadas, que fortemente, quanto significativamente, com que resultado, e sob que tipos de condições, ao mesmo tempo que intentou-se desmascarar correlações espúrias e tratou-se de descobrir variáveis discriminantes em universos heterogêneos compostos por um grande número de casos.

Na medida que a aplicação deste método dependeu em grande parte da identificação de todas as variáveis antecedentes relevantes e de todos os resultados subseqüentes por parte do pesquisador, o método e sua aplicação deu lugar à discussão. No entanto, o poder analítico de análise multivariada foi superior aos métodos tradicionais, os quais, na maioria dos casos, dependeram da busca de uma causa única, fazendo com que os resultados da investigação permanecessem vagos ou retóricos.

A análise multivariada implicou o uso de métodos de regressão múltipla e análise de covariância, os quais tiveram por propósito mostrar em que medida uma variável qualquer dentro de um grupo de variáveis contribuiu positiva ou negativamente, a probabilidade de um resultado particular, diretamente por essa variável ou indiretamente através de sua relação e/ou interação com outras variáveis. Este tipo de análise levou também à utilização do "path analysis," técnica esta originalmente utilizada em genética e biomedicina. O "path analysis" é um método para decompor e interpretar relações lineares entre conjuntos de variáveis, nos quais parte-se do suposto que o sis-

tema causal é fechado, consistente de causas e efeitos encadeados. Seu propósito é identificar os principais "pathways" de causas e efeitos num sistema com uma pluralidade de variáveis antecedentes e conseqüentes. Este tipo de configuração metodológica foi difundido principalmente por Paul F. Lazarsfeld e Morris Rosenberg entre outros, na década de 1950, mas a sua utilização sistemática apenas tomou lugar na década seguinte. (43)

O conceito de "general systems theory" (teoria dos sistemas gerais) foi inicialmente difundido na biomedicina e aplicado em ciências sociais por Ralph W. Gerard e Nicholas Rashvesky na década de 1940 e popularizado por Roy F. Grinker, Charles A. McClelland e Ludwig von Bertalanffy. (44) Unido à teoria da informação, comunicação e controle transformou-se no que Norbert Wiener denominou cibernética. Claude E. Shannon, A. Ross Asbhy e Collin Cherry foram, conjuntamente com Wiener, os pioneiros neste campo de conhecimento. (45) A cibernética passou a ser parte da "teoria dos sistemas gerais" e sua aplicação estendeu-se à computação, lingüística e outras ciências sociais, manifestando-se na Ciência Política na construção de modelos de sistemas políticos e organizações complexas em trabalhos como o realizado por David Easton. (46)

A revolução behaviorista incorporou novas técnicas matemáticas e quantitativas ao estudo do comportamento como desenvolvimento, transferência e adaptação da "teoria dos jogos" ("game theory"), simulação de sistemas, processos e estruturas, modelos econométricos e probabilísticos, ao estudo da política. A "teoria dos jogos" foi originalmente desenvolvida por John von Neumann e Oskar Morgenstern na década de 1940 e aplicada ao estudo de conflitos e decisões, combinando a análise matemática com experiências sobre o comportamento, na década seguinte por Robert Duncan Luce, Howard Raiffa, Duncan Black, Lincoln Bloomfield, Thomas C. Schelling e Anatole Rapoport. (47) Os modelos econométricos foram utilizados por Herbert A. Simon e Anthony Downs entre outros, enquanto os modelos probabilísticos, aplicados a situações de conflito, foram desenvolvidos por T. W. Anderson e Paul F. Lazarsfeld. (48)

A revolução behaviorista, de um ponto de vista institucional ganhou adeptos em um grande número de Universidades norte-ame-

ricanas na década de 1950, transformando o estudo do comportamento político, o ponto de vista dominante nas Universidades de Chicago, Michigan, Yale, Massachusetts Institute of Technology, Northwestern, Stanford entre outras. Na reunião anual da American Political Science Association para o ano de 1956 incluíram-se uma série de seções especiais dedicadas à análise do comportamento político, e a partir desse ano, o behaviorismo em Ciência Política esteve em ascensão influenciando no processo outras ciências sociais. Também sua influência alcançou a Europa Ocidental, Índia e Japão. Em 1958, especialistas originários dos Estados Unidos, Europa e Japão patrocinaram a publicação do primeiro volume do *International Yearbook of Political Behavior Research*, os quais começaram a aparecer anualmente a partir de 1961.⁽⁴⁹⁾ Finalmente, em 1962, com a criação do Inter-University Consortium for Political Research, em Ann Arbor, Michigan, patrocinado pelos principais departamentos de Ciência Política e História de um conjunto de universidades norte-americanas, o behaviorismo logrou uma posição de prestígio institucional, influenciando com a sua metodologia a história política.⁽⁵⁰⁾

5. Behaviorismo e a "Nova" História Política.

O interesse de aplicar os métodos behavioristas e as técnicas quantitativas ao estudo da história política partiu de um pequeno núcleo de historiadores ligados entre si mais por um interesse metodológico comum que por uma tendência historiográfica específica ou uma adesão particular a um período histórico determinado. Os pioneiros deste movimento no fim da década de 1950 e começo da década de 1960 foram William O. Aydelotte, Samuel P. Hays, Allan G. Bogue e Lee Benson. Os três primeiros foram membros do Departamento de História da Universidade de Iowa e, por tal razão, conformaram a denominada "Escola de Iowa." Conjuntamente com seus alunos de pós-graduação, entre eles Robert D. Dykstra, Samuel T. McSeveney e Joel H. Silvey, foram os iniciadores da "New" Political History.⁽⁵¹⁾ Lee Benson, por sua parte, foi o historiador behaviorista mais influente especializado na História Política norte-americana, famoso por suas críticas a proeminentes historiadores norte-americanos e por sua visão de conceber a História como um instrumento para descobrir leis sobre o comportamento humano.

William O. Aydelotte foi, possivelmente, a figura mais representativa da Escola de Iowa. Sua maior contribuição relativa à aplicação dos métodos quantitativos à análise histórica foi seu estudo das facções políticas e diferenças ideológicas dos dois partidos políticos que dominaram o Parlamento Britânico entre 1841 e 1847, famoso pela anulação das conhecidas "Corn Laws" em 1846 e a divisão do Partido Conservador em duas facções antagônicas ⁽⁵²⁾. A investigação requereu um estudo biográfico massivo dos quase oitocentos membros que compunham a Câmara dos Comuns, relacionando ao mesmo tempo a afiliação partidária e a conformação dos votos de cada parlamentar. Para ela, Aydelotte fez amplo uso da computação e dos métodos estatísticos. Seu principal instrumento de análise foram as escalas acumulativas do tipo de Guttman. Apesar de que os métodos utilizados foram primitivos considerando as técnicas atuais Aydelotte foi realmente um precursor das técnicas quantitativas entre os historiadores políticos norte-americanos.

Aydelotte ampliou esse trabalho original com outras investigações relativas ao mesmo problema. ⁽⁵³⁾ Seu principal objetivo foi analisar o funcionamento dos partidos políticos no contexto da política britânica do século XIX, determinar o papel institucional e suas funções como também a composição dos mesmos e dos grupos sobre os quais se apoiavam tanto no Parlamento como no eleitorado. Suas conclusões permitiram modificar as idéias que se tinham sobre as diferenças políticas e ideológicas entre os dois Partidos que compunham o Parlamento Britânico e também as diferenças que levaram à divisão do Partido Conservador. Ainda mais, Aydelotte logrou determinar o momento preciso em que a ruptura do Partido Conservador tomou lugar. O autor inspirou seu trabalho não tanto nas obras de Sir Lewis Namier e outros historiadores do Parlamento Britânico senão na obra pioneira de Paul F. Lazarsfeld, Berballd Berelson e Hazél Gaudet, *The People's Choice* (1944), donde estes precursores do behaviorismo analisaram a conduta política do eleitorado norte-americano.

Aydelotte também contribuiu notavelmente para a difusão como para a defesa dos métodos quantitativos, principalmente em seu artigo "Quantification in History." ⁽⁵⁴⁾ A diferença de outros historiadores que como Lee Benson e Samuel P. Hays, supervalorizaram a quantificação na pesquisa histórica, Aydelotte considerou as técnicas quantitativas

simplesmente como uma ajuda adicional à investigação do passado e reconheceu as limitações que os métodos estatísticos tiveram na solução de problemas históricos. Para ele, as biografias e os estudos institucionais levados a cabo com métodos tradicionais foram necessários e úteis e insubstituíveis para o conhecimento do passado. O principal valor que Aydelotte atribuiu aos métodos quantitativos foi que eles foram um instrumento preciso para verificar proposições gerais, um meio sistemático de testar hipóteses e uma ajuda indispensável aos problemas que foram mais relevantes do ponto de vista da investigação.

Um segundo membro da Escola de Iowa foi Allan C. Bogue que manteve um interesse metodológico afim e uma visão semelhante à de Aydelotte sobre os alcances e limitações dos métodos quantitativos na investigação histórica. Sua preparação nos métodos analíticos e estatísticos foi, no entanto, em certa medida maior que a de Aydelotte. Bogue participou, ao igual que Lee Benson, no conhecido seminário interdisciplinar sobre História Econômica do Professor Paul V. Gates em a Universidade de Cornell. Este tipo de orientação se refletiu em uma de suas primeiras obras que trata sobre a História Agrícola dos Estados de Illinois e Iowa no século XIX. ⁽⁵⁵⁾

Bogue concentrou seu interesse na análise do Senado Norte-americano durante a Guerra Civil. ⁽⁵⁶⁾ Duas áreas chamaram a sua atenção:

- 1) a conformação dos grupos políticos em relação aos Partidos é,
- 2) a medição do "poder" de diferentes membros do Congresso para efetivar o processo legislativo. A análise dos votos nominais em organizações parlamentares teve uma longa tradição no estudo da História Política Norte-americana a raiz dos pioneiros trabalhos de Orin G. Libby e A. Lawrence Lowell no começo deste século. No entanto, até a aparição das técnicas estatísticas mais refinadas e a difusão da computação, a maioria dos historiadores utilizaram o "roll-call analysis" mais como uma ilustração que como uma parte integral da pesquisa. Bogue revitalizou esta área de estudos aplicando os métodos estatísticos e as técnicas analíticas criadas pelos behavioristas para explicar o funcionamento dos grupos políticos no Senado Norte-Americano na década de 1860.

Talvez o intento de medir o poder na estrutura política do Senado Norte-americano seja sua contribuição mais importante, mas também a mais debatível do ponto de vista metodológico. O conceito de poder é difícil de operacionalizar apesar de que cientistas sociais têm acumulado um corpo relevante de teoria e métodos estatísticos, particularmente como resultado de seus estudos sobre estruturas de poder em comunidades e a análise da conduta de corpos colegiados. O propósito de Bogue foi obter medidas precisas do poder individual dos Senadores fazendo uso do "roll-call analysis." Seu trabalho não somente usou o resultado de votações nominais, mas também amplamente utilizou fontes tais como os discursos publicados no *Congressional Globe* para abordar, de um ponto de vista da reputação de seus autores, a análise das fontes literárias.

Um aspecto importante de sua contribuição foi a discussão dos índices de "poder" e "semelhança" desenvolvidos por Robert A. Dahl, Donald R. Mathews e William H. Riker e sua própria formulação de diferentes índices de poder. Bogue, naturalmente, não aspirou a que os índices desenvolvidos por ele, para avaliar o poder dos membros do Senado, fossem definitivos. Mais ainda, Bogue sugeriu que as relações de poder variaram como o tempo, sendo esta a razão principal porque o uso de índices de poder muitas vezes não foram úteis para prever a conduta de membros de corpos colegiados em períodos cronológicos posteriores.

Bogue traçou as origens, propósitos e objetivos do behaviorismo na história política em seu ensaio "United States: the 'New' Political History" (57). Ele entendeu por behaviorismo um interesse pelos métodos, resultados e implicações da medição, combinado com o desejo de produzir trabalhos de investigação possíveis de serem avaliados pelos critérios das ciências sociais. Seu trabalho discute principalmente as contribuições de Hays, Benson e Aydelott e o trabalho realizado pelo Inter-University Consortium for Political Research e o Social Science Research Council em difundir as teorias e os métodos das Ciências Sociais entre os historiadores. Também Bogue reconheceu as contribuições pioneiras de Charles Merriam, James C. Malin, Thomas C. Cochran e Merle Curti em integrar as ciências sociais e a História.

O ponto de partida de Bogue foi criticar o estado da produção behaviorista em História para assim difundir seus métodos e atrair

novos membros a esta área de estudos. A "Nova" História Política, de acordo com Bogue, careceu da sofisticação do ponto de vista das ciências sociais. As pressuposições teóricas dos historiadores behavioristas foram elementares e seus métodos raramente conformaram as regras básicas da abordagem behaviorista, tal como o proposto por David Easton em sua obra *A Framework for Political Analysis* (1965). Para Bogue, a maioria dos historiadores behavioristas simplesmente utilizaram os métodos ou a teoria do behaviorismo para refutar os trabalhos de historiadores anteriores ou para abrir novas áreas de pesquisa que eles consideraram relevantes. Poucos foram os historiadores que trataram conscientemente de construir um marco teórico que os resultados da pesquisa puderam verificar, modificar ou contradizer. Além disso, os cientistas sociais realizaram tanto ou mais investigações na história política que os historiadores behavioristas. A causa principal do estado crítico em que se encontrou o behaviorismo político em História se deveu principalmente ao reduzido número de seus praticantes. Com o tempo, Bogue concluiu, se ampliaria a difusão dos métodos e técnicas do behaviorismo em história política e novas gerações de historiadores contribuiriam a uma mais rica e vital história política dos Estados Unidos.

O terceiro membro da Escola de Iowa foi Samuel P. Hays. Seus trabalhos mostram-no como um crítico radical da História Política "convencional". Essa atitude o diferenciou de Aydelotte e Bogue ao mesmo tempo que o aproximou de Lee Benson em sua percepção do que deveria ser a "Nova" História Política.

Para Hays os historiadores "convencionais" se haviam preocupado em demasia pelos aspectos formais, episódicos, únicos e individuais, em lugar de analisar em detalhes a composição e o funcionamento da estrutura política em um contínuo cronológico⁽⁵⁸⁾. Igual que os pioneiros proponentes do behaviorismo, Hays propôs o estudo dos eleitores, suas agrupações sócio-econômicas e etno-culturais, os grupos de pressão, os líderes políticos e os sistemas de tomadas de decisões que operaram em todos os níveis da estrutura política norte-americana. Estes componentes ao serem estudados através do tempo, dariam os elementos para compreender os fatos básicos da motivação, a influência e o poder.

Hays caracterizou sua posição metodológica como a "análise social" da política e propôs a focalização dos estudos ao nível local mais que nacional com o propósito de distinguir entre a retórica e a realidade política. Sua posição, em certa medida foi um eco da proposta que Thomas C. Cochran havia feito em seu trabalho, "The 'Presidential Synthesis' in American History", publicado no *American Historical Review* de julho de 1948. Cochran criticando os historiadores tradicionais propôs que a história política devia ser considerada como uma síntese da "Ciência Social" da História Norte-Americana, um produto de desenvolvimentos culturais fundamentais que deviam ser analisados mais convenientemente ao nível estadual que o nacional.

Hays, por sua parte, enfatizou o uso de técnicas quantitativas e acentuou a utilidade que tiveram nas Ciências Sociais do ponto de vista do método e a teoria para a análise da História Política. A principal diferença entre a abordagem de Hays e muitos historiadores "convencionais" radicou no entanto, na ênfase que ele deu ao estudo de casos locais, ao uso da quantificação e a dependência na teoria e problemática das Ciências Sociais. A maior contribuição de Hays foi como publicista e difusor do behaviorismo político ligado ao uso da computação e técnicas quantitativas⁽⁵⁹⁾. Suas obras sugerem que ele fora um inovador de novas técnicas ou um criador de uma nova abordagem metodológica. Pelo contrário, ele propôs com notável êxito o que outros historiadores behavioristas como também alguns historiadores "convencionais", haviam estado realizando, com resultados variados por algum tempo⁽⁶⁰⁾.

Lee Benson foi considerado o mais influente e radical dos historiadores behavioristas especializados na História Política Norte-Americana. Apesar dele não ter pertencido à denominada Escola de Iowa, Benson compartilhou as preocupações metodológicas de seus membros. Sua visão do que deveria ser a "Nova" História Política, no entanto, o diferenciou marcadamente de Aydelotte e Bogue e sua posição foi mais extremista que a de Hays. Para Benson, o uso da quantificação, a computação e aplicação das teorias e métodos das Ciências Sociais permitiriam não somente estudar "cientificamente" a conduta passada mas também levaria a descobrir leis gerais da conduta humana⁽⁶¹⁾. Suas críticas agudas e mordazes a Frederick J. Turner, Charles A. Beard e Arthur Schlesinger Jr., entre outros, levaram Benson

também a ocupar a posição de iconoclasta do "establishment" acadêmico norte-americano.

Benson, igual a Bogue, havia participado do seminário interdisciplinar do Professor Paul W. Gates sobre História Econômica na Universidade de Cornell. Apesar de Gate ter estado interessado na história econômica institucional, ele estimulou seus alunos a tomar cursos em outros departamentos de ciências sociais. Produto desse período foi a tese de doutorado de Benson que tratou sobre os antecedentes econômicos e políticos da Interstate Commerce Act. Completado seu doutorado e atraído pelo rigor, precisão e sistematização das ciências sociais, Benson estudou "location theory" com o Professor Walter Isard na Universidade de Harvard. Finalmente, Benson passou à Universidade de Columbia, donde sob a direção e estímulo do Professor Paul F. Lazarsfeld, um dos líderes da revolução behaviorista, trabalhou no Columbia Bureau of Applied Research. ⁽⁶²⁾

A primeira obra importante de seus anos na Universidade de Columbia, foi o seu ensaio "Research Problems in American Political Historiography." ⁽⁶³⁾ Apesar de poucos historiadores terem assinalado a quantificação como um elemento indispensável na investigação, somente foi com a publicação deste longo artigo que o behaviorismo entrou definitivamente na produção historiográfica norte-americana.

Com este trabalho Benson mostrou, utilizando uma série de exemplos concretos, como a simples manipulação sistemática de séries cronológicas, construídas a partir de resultados eleitorais dados em forma numérica, permitiu verificar generalizações que foram normalmente aceitas pela historiografia tradicional. Tomando como exemplos os resultados numéricos das eleições presidenciais de 1824, 1860, 1884 e 1896 e correlacionando-a relação às mudanças através do tempo, em termos das diferenças de região para região, e em relação às diferenças das razões de mudança no tempo e no espaço, Benson mostrou que podiam alcançar-se níveis mais sofisticados de análise. Em seu artigo Benson também sugeriu que variáveis tais como regionalismo, diferenças urbano-rurais e distinções étnicas e de classe social foram determinantes para explicar o comportamento eleitoral. Somente podiam explicar-se os resultados de uma eleição se se sabia previamente quem votou em quem e quando.

As implicações do ensaio de Benson foram óbvias e claras foram as suas críticas "abordagem impressionista" que dominou longamente a historiografia norte-americana. Ele não somente questionou as generalizações apoiadas em uns poucos exemplos mas também justificou o uso da quantificação para alcançar conclusões precisas e verificáveis. Benson sustentou que toda generalização, na maioria dos casos, foi de carácter implicitamente quantitativo:

Quando historiadores citam "típicos" editoriais de periódicos e as convicções de "homens representativos," ou quando eles usam termos tais como "significante," "extenso," "crescimento," "intenso," na realidade estão fazendo declarações quantitativas. (64)

Benson continuou seu ataque a historiografia política norte-americana numa segunda obra donde o alvo de suas críticas foram Frederick J. Turner de Charles A. Beard.⁽⁶⁵⁾ Neste livro Benson intentou também, a partir de uma série de proposições básicas, criar um modelo behaviorista para explicar a conduta dos criadores da nação norte-americana.⁽⁶⁶⁾

Talvez uma das contribuições mais importantes de Benson foi sua obra *The Concept of Jacksonian Democracy: New York a Test Case* (Princeton, 1961).⁽⁶⁷⁾ A diferença de seu primeiro ensaio "Research Problems in American Political Historiography," donde as evidências foram essencialmente ilustrativas e derivadas em sua maior parte de obras de outros autores, este livro foi produto de sua própria investigação. O aspecto mais sobressalente desta obra foram as várias conclusões a que Benson chegou. Elas contradisseram as afirmações, explícitas ou assumidas, que geralmente foram aceitas na maioria dos trabalhos realizados acerca do mesmo assunto. O uso da análise multivariada aos resultados eleitorais em determinados distritos mostrou que em New York, nas décadas de 1830 e 1840, a variável de pertinência a determinado grupo étnico teve o maior poder de explicação para determinar a lealdade partidária dos eleitores que a afiliação a uma classe social ou um interesse econômico.

A aplicação de técnicas de análise de conteúdo revelou que existiam diferenças ideológicas fundamentais entre os membros do Partido Whig e os do Partido Democrático. Para Benson a afiliação a um dos dois Partidos, por um determinado grupo étnico esteve condicionada pelos estilos de vida e os valores ético-religiosos de seus membros. Aqueles grupos que aceitaram a ética puritana tenderam a ser Whig em sua afiliação política, enquanto que os não-puritanos mostraram uma preferência pelo Partido Democrático.

Naturalmente que Benson não esteve sozinho neste ataque à historiografia tradicional. Richard P. McCormick, por exemplo, havia mostrado pouco antes que Benson, que a eleição de Andrew Jackson não representou uma revolução na conduta do eleitorado e que a pertinência a uma classe teve pouca influência na afiliação partidária dos eleitores, tal como por muitos anos os historiadores haviam sustentado. (68) No entanto, o trabalho de Benson sobre a Democracia Jacksoniana criou um debate que promoveu uma re-avaliação da historiografia política norte-americana e inspirou ao mesmo tempo a realização de projetos similares fazendo um uso mais amplo dos métodos quantitativos.

As investigações e os debates criadas por Benson, Hays, Bogue, Aydelotte e outros historiadores behavioristas foram relevantes para a difusão dos métodos quantitativos. Mais importante ainda foi no entanto, o trabalho realizado a um nível institucional ao criar-se, no Inter-University Consortium for Political Research, um banco de dados numéricos e qualitativos, sobre a história política norte-americana. O Consortium foi criado em 1962 e foi localizado na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, agrupando um número representativo de universidades e confederando com o tempo a mais de uma centena de historiadores e cientistas sociais interessados no behaviorismo político e a quantificação. (69)

A necessidade de estabelecer um banco de dados foi um sentimento compartilhado entre historiadores e cientistas sociais. Sua formalização partiu de uma proposta formal, realizada ao Social Sciences Research Council (SSRC), por Lee Benson, Samuel P. Hays, Charles Seller e William Ricker, três historiadores e um cientista político. Em resposta o SSRC convidou a W. Dean Burham para avaliar os problemas e estabelecer a viabilidade da recolção de dados estatísticos

eleitorais em diferentes estados. Pela influência de Benson, a American Historical Association (AHA) nominou em 1962. O "Ad-Hoc Committee to Collect the Basic Quantitative Data of American Political Historiography," composto de nove membros e liderados também por Benson. Sua finalidade foi colaborar com Burham criando comissões em diferentes Estados para recoletar estatísticas eleitorais desde 1824 até o presente. A criação deste Comitê Ad-Hoc significou também a aceitação e o apoio institucional da quantificação pela AHA, o maior agrupamento de historiadores nos Estados Unidos.

O núcleo básico para a criação do banco de dados foi o Survey Research Center (SRC) da Universidade de Michigan. Criado em 1952 para recoletar e estudar as eleições presidenciais, o SRC sob a direção de Angus Campbell e associados, foi um centro pioneiro em behaviorismo político, contribuindo notavelmente com novos modelos teóricos e conceitos para explicar o desenvolvimento político norte-americano. O financiamento do projeto foi logrado por Warren Miller, diretor do Consortium, que obteve generosos fundos do National Science Foundation e no Social Sciences Research Council. Miller designou também a um historiador, Howard D. Allen, como diretor do projeto.

Se bem que o problema de recoletar dados sobre a história política norte-americana foi solucionada institucionalmente com a criação de um banco de dados, o outro problema a solucionar foi educar os historiadores nos métodos e técnicas da computação e da estatística para a manipulação da informação recoletada. A meados da década de 1960 o número de professores universitários de história com conhecimento suficiente para manipular técnicas de correlação múltipla e análise de regressão não somava mais que umas poucas dúzias, excetuando naturalmente os especialistas em História Econômica, que em sua maioria foram formados em Economia e não em História. ⁽⁷⁰⁾ Para suprir essa deficiência em 1964 o Mathematical Social Science Board (MSSB), — uma criação conjunta do SSRC e do Institute for Advanced Study in the Behavioral Sciences — promoveu a organização de um Comitê em História encabeçado por Robert W. Fogel e composto por William O. Aydelotte, Allan G. Bogue, Lionel W. McKenzie, Oscar Handlin e F. Mosteller. Sua função foi procurar meios para promover e difundir as técnicas quantitativas entre os membros da profissão.

Vários foram os meios utilizados para levar os métodos das ciências sociais aos historiadores. International Business Machines (IBM) patrocinou em 1964 e 1965 seis conferências regionais com cerca de 1200 acadêmicos especializados nas Humanidades que foram orientados no uso da computação. O Consortium, por sua parte, patrocinou desde 1965 programas especiais de verão sobre os métodos das Ciências Sociais. O Comitê em História do MSSC dirigiu anualmente entre 1967 e 1969 sua "Conference on Application of Quantitative Methods to Political, Social and Economic History." A divulgação dos novos métodos e a informação das diferentes pesquisas em andamento, ficaram a cargo de duas revistas, *Computer and the Humanities*, publicada a partir de setembro de 1966 e *Historical Methods Newsletter: Quantitative Analysis of Social, Economic and Political Development*, impressa desde dezembro de 1967. (71)

A partir de meados da década de 1960 se multiplicou a produção historiográfica que utilizou a quantificação e que foi orientada metodologicamente pelo behaviorismo político. (72) Neste processo de expansão foram melhoradas as técnicas de quantificação, refinados os instrumentos de medição e mais difundido o uso da computação. Para o início da década seguinte historiadores haviam publicado textos sobre métodos e técnicas estatísticas aplicadas à pesquisa histórica e eram disponíveis obras de caráter metodológico relativas à análise histórica do ponto de vista do behaviorismo em ciências sociais. (73) A nova tendência para a quantificação e o uso de teorias derivadas das ciências sociais foi um fenômeno irreversível que ampliou metodologicamente a área e os métodos da pesquisa na História Política.

- (1) Social Science Research Council: *Theory and Practice in Historical Study. A Report on the Committee on Historiography*. Bulletin Nº 54 (New York, 1946) p. 123.
- (2) Social Science Research Council. Committee on Historiography. *The Social Science in Historical Study: A Report*. Bulletin nº 64 (New York, 1954) p. 26.

- (3) Sobre a difusão dos métodos quantitativos da História à Ciência Política, consultar Richard J. Jensen, "History an the Political Scientist" e "American Election Analysis: A Case History of Methodological Innovation and Diffusion" em Martin Lipset (ed.), *Politics and the Social Sciences*. (New York, 1969).
- (4) Sobre a "Nova" História ver James Harvey Robinson, *The New History. Essays Illustrating the Modern Historical Outlook*. (New York, Macmillan, 1912); Crane Brinton, "The New History: Twenty-Five Years After". *Journal of Social Philosophy*, I (1936) pp. 134-147; e, "The New History and Past Everything". *American Scholar*, 8 (1939) pp. 144-157.
- (5) Robert P. Swierenga (ed.), *Quantification in American History: Theory and Research*. New York, Atheneum, 1970) pp. xiii-xiv; Charles M. Dollar & Richard J. Jensen, *Historian's Guide to Statistics: Quantitative Analysis and Historical Research*. (New York, Holt, Reinhart & Winston, Inc., 1971) pp. 4-5; Frederick J. Turner, *The Significance of Sections in American History*. (New York, 1932) p. 20; e, Allan G. Bogue, "United States: The 'New' Political History", em R.P. Swierenga, *ibid*, pp. 36-37.
- (6) Joseph Schafer, "The Microscopic Method Applied to History". *Minnesota Historical Bulletin*, 4 (1921) p. 19. Este trabalho, baseado em notas tomadas nas aulas dadas por Turner, e um dos poucos ensaios metodológicos publicados por um de seus discípulos.
- (7) Turner, *Significance of Sections*, p. 45.
- (8) *Century Magazine*, 42 (1891) pp. 687-694.
- (9) Dollar & Jensen, *Historian's Guide*, p. 5.
- (10) As principais contribuições de Orin G. Libby são: "A Plea for the Study of Votes in Congress", *American Historical Association Annual Report for 1896*. (Washington, 1897) Vol. I, pp. 321-334; *Geographical Distribution of the Vote of the Thirteen States on the Federal Constitution*. (Madison, 1894); e "Political Factions in Washington's Administration", *Quarterly Journal of the University of North Dakota*, III (July, 1913) pp. 291-318.
- (11) A. Lawrence Lowell, "The Influence of Party Upon Legislation in England and America", *American Historical Association Annual Report for 1901*. (Washington, 1902). 2 Vols. Vol. I, pp. 321-542.

- (12) Os métodos quantitativos da escola de Turner influenciaram direta e indiretamente os trabalhos de V.P. Phillips, William Dunning, E.E. Robinson, Arthur C. Cole, Carl Becker, Dixon Ryan Fox, Arthur Schlesinger Sr., Charles Paullin, Joseph Schafer e Clifford Lord entre outros.
- (13) Dollar & Jensen, *Historian's Guide*, p. 6.
- (14) Bogue, "United States: The 'New'," p. 37.
- (15) Dollar & Jensen, *Historian's Guide*, pp. 6-7.
- (16) F. j. Rex, Jr., "Herman Hollerith. The First Statistical Engineer", *Computer and Automation*, 10 (1961) pp. 10-13.
- (17) Ver, por exemplo, o trabalho de William G. Murray, *An Economic Analysis of Farm Mortgages in Story County, Iowa, 1854-1931*. (Iowa Agricultural Experimental Station, Research Bulletin Nº 156 (1933) pp. 361-424). Murray utilizou pela primeira vez na investigação histórica, cartões perfurados e seu método será duplicado por Merle Curti em sua obra, *The Making of an American Community* (Stanford, Calif., 1959) 26 anos mais tarde. James C. Malin analisou os movimentos de população e colonização agrária do Oeste Norte-americano seguindo uma metodologia similar à de Turner e é considerado como um dos pioneiros do behaviorismo, apesar de que ele, especificamente repudiaria, mais tarde, os métodos e objetivos das Ciências Sociais. Ver, por exemplo, os seguintes trabalhos de sua autoria: "The Turnover of Farm Population in Kansas", *Kansas Historical Quarterly* (November 1935) pp. 278-315; *The Grassland of North America: Prolegomena to its History*. (Lawrence, Kansas, 1947); *Essays on Historiophy*. (Lawrence, Kansas, 1946); e, *On the Nature of History: Essays about History and Dissidence*. (Lawrence, Kansas, 1954). Frank L. Owsley e um número de seus discípulos da Universidade de Vanderbilt, utilizando manuscritos censórios, tratou de reconstruir a estrutura sócio-econômica dos Estados escravistas antes da Guerra Civil. O resultado se encontra em sua obra *Plain Folk of the Old South* (Baton Rouge, La., 1949). Silvia L. Thrupp, por sua parte realizou um estudo dos mercadores medievais londrinos utilizando o método das biografias coletivas iniciado por Turner. Ver sua obra *The Merchant Class of Medieval London, 1300-1500* (Chicago, 111., 1948). Um estudo sobre a política californiana que utilizou uma técnica similar foi o

- de George Mowry, *The Californian Progressives* (Berkeley and Los Angeles, University of California Press).
- (18) Clarence Crane Brinton, *The Jacobins: An Essay in the New History*. (New York, 1930).
 - (19) Donald Greer, *The Incidence of the Terror During the French Revolution*. (Cambridge, Mass., 1935).
 - (20) Ver, por exemplo, os artigos de Thomas D. Eliot, "The Use of History for Research in Theoretical Sociology", *American Journal of Sociology*, 27 (1922) pp. 628-636; Joyce O. Hertzler, "The Sociological Uses of History", *Ibid.* 31 (1925) pp. 173-198; e, Hannah G. Roach, "Sectionalism in Congress (1870-1890)", *American Political Science Review*, 19 (August 1925) pp. 500-526.
 - (21) O protesto contra os estudos tradicionais de política originaram-se na primeira década deste século. Autores como Graham Wallas, que tinha uma formação de tipo psicológico ou estudiosos como Arthur F. Bentley, interessado nos processos de sistemas governamentais e a análise de grupos de pressão, foram pioneiros no estudo do comportamento político. Estes autores, no entanto, não exerceram uma influência direta na evolução acadêmica do behaviorismo político. Ver: Graham Wallas, *Human Nature in Politics*. 4ª ed. (Gloucester, Mass., Smith, 1962. Originalmente publicado em 1908); e, Arthur F. Bentley, *The Process of Government: A Study of Social Pressures*. (Bloomington, Ind., Principia Press, 1949. Originalmente publicado em 1908).
 - (22) Heinz Eulau, "Comportamiento Político", em David L. Sills (ed.), *Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales* (Madrid, Aguilar, 1975) Vol. 7, pp. 545-555; e, David Easton, "Ciência Política", *Ibid.* Vol. 2, pp. 355-368.
 - (23) Robert A. Dahl, "The Behavioral Approach in Political Science: Epitaph for a Monument to a Successful Protest", *American Political Science Review*. 55. (December 1961) pp. 763-772.
 - (24) Sobre Merriam ver Barry D. Karl, "Charles E. Merriam", em David L. Sills (ed.), *Enciclopedia Internacional*, Vol. 7, pp. 77-82.
 - (25) (New York, Macmillan, 1903).
 - (26) Charles E. Merriam formulou sua visão da Ciência Política em uma coleção de ensaios entre 1920 e 1924 e publicados em 1925 com o título de *New Aspects of Politics* (Chicago, University of Chicago Press,

- 2ª ed., 1931). Talvez sua obra teórica mais importante, apesar de ser muito debatida, foi *Systematic Politics* (Chicago, University of Chicago Press, 1962) originalmente publicada em 1945, oito anos antes de sua morte.
- (27) Charles F. Merram & Harold F. Gosnell, *The American Party System: An Introduction to the Study of Political Parties in the United States*. 4ª ed. (New York, Macmillan, 1949. Originalmente publicado em 1922) e *Non-voting: Causes and Methods of Control*. (Chicago, University of Chicago Press, 1924).
 - (28) Harold F. Gosnell, *Getting Out the Vote: An Experiment in the Stimulation of Voting*. (Chicago, University of Chicago Press, 1927).
 - (29) Harold D. Lasswell, *Propaganda Techniques in the World War*. (Gloucester, Mass., Smith, 1938. Originalmente publicado em 1927) e *Psychopathology and Politics* (New York, Viking, 1960. Originalmente publicado em 1930).
 - (30) (New York, Knopf, 1927).
 - (31) Stuart A. Rice, *Quantitative Methods in Politics*. (New York, Knopf, 1928).
 - (32) Herman C. Beyle, *Identification and Analysis of Attribute Cluster-Blocs*. (Chicago, University of Chicago Press, 1931) e Claude A. Robinson, *Straw Votes: A Study of Political Prediction*. (New York, Columbia University Press, 1932).
 - (33) Paul F. Lazarsfeld, Bernard Berelson & Hazel Gaudet, *The People's Choice: How the Voter Makes up his Mind in a Presidential Campaign*. 2ª ed. (New York, Columbia University Press, 1948. Originalmente publicado em 1944). Bernard Berelson, Paul F. Lazarsfeld & William N. McPhee, *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign*. (Chicago, University of Chicago Press, 1954); e, Angus Campbell, Gerald Gurin & Warren E. Miller, *The Voter Decides* (Evanston, Ill., Row, Peterson, 1954).
 - (34) George Gallup, *The Pulse of Democracy*. (New York, Simon & Schuster, 1940) e *A Guide to Public Opinion Polls*. (Princeton, Princeton University Press, 1944). Bernard Berelson et. al., "Voting" em Hadley Cantril (ed.), *Public Opinion, 1935-1946* (Princeton, Princeton University Press, 1951) e *The Politics of Despair* (New York, Basic Books, 1958).
 - (35) Theodor Adorno, et. al., *The Authoritarian Personality*. (New York, Harper, 1950).

- (36) A obra de Vilfredo Pareto foi traduzida em 1935 com o título de *The Mind and Society* (New York, Dover, 1935). Talcott Parsons traduziu a obra de Marx Weber, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, (New York, Scribner, 1930) e publicou *The Structure of the Social Action* (New York, McGraw-Hill, 1937) na mesma década. Karl G. Friedrich com sua obra *Constitutional Government and Democracy: Theory and Practice in Europe and America*. Ed. Rev. (Boston, Mass., Ginn, 1950. Originalmente publicada em 1937 com o título *Constitutional Government and Politics: Nature and Development*) contribuiu a difusão de autores europeus. Finalmente, Pitirim A. Sorokin, publicou em 1927 *Social Mobility* (New York, Harper, 1927) e dez anos mais tarde *Social and Cultural Dynamics*. (New York, American Book Co., 1937-41).
- (37) Harold D. Lasswell & Abraham Kaplan, *Power and Society: Framework for Political Inquiry*. (New Haven, Yale University Press, 1950); Harold D. Lasswell, *Politics: Who Gets What, When, How*. (Cleveland, The World Publishing Co., 1958); e, C. Wright Mills, *The Power Elite*. (New York, Oxford University Press, 1956).
- (38) Entre as principais obras sobre a evolução da Ciência Política figura David Easton, *The Political System: An Inquiry into the States of Political Science*. (New York, Knopf, 1953), em especial o capítulo 2; David B. Truman, "The Impact on Political Science of the Revolution in the Behavioral Sciences", *E Research Frontiers in Politics and Government* (Washington, Brooking, 1955) pp. 202-223; Bernard Crick, *The American Science of Political*. (Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1959); Heinz Eulau, *Recent Developments in the Behavioral Study of Politics*. (Stanford, Stanford University Press, 1961); e Albert Somit, *The Development of American Political Science: From Burgess to Behavioralism*. (Boston, Mass., Allyn & Bacon, 1967). Finalmente, Peter R. Senn, "What is 'Behavioral Science'? — Notes Toward a History". *Journal of Behavioral Sciences*, 2 (1966) pp. 107-122.
- (39) O intento de converter o estudo da política em uma ciência, intento este iniciado por Merriam e a Escola de Chicago, foi antagonizado por autores como Beard, Gulick, Corwin e Hart entre outros nas décadas subseqüentes. Estes autores acreditaram que a função do cientista político foi principalmente mostrar o caminho para uma sociedade melhor e, portanto, consideravam

- não práticas a orientação científicista do behaviorismo inicial como também a importância de um corpo teórico sistemático na Ciência Política. Ver: A. Somit, *The Development of American Political Science*, capítulo 9; David B. Truman, "Desillusion and Regeneration" *American Political Science Review*, 59 (December 1965) pp. 865-873; e Avery Leiserson, "Problems of Methodology in Political Research", em Heinz Eulau, Samuel J. Eldersfeld & Morris Janowitz (eds.), *Political Behavior: A Reader in Theory and Research*. (Glencoe, Ill., Free Press, 1956) pp. 57-58 e 60-61.
- (40) C. Wright Mills, *The Power Elite*; Floyd Hunter, *Top Leadership, U.S.A.* (Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1959) e Robert Dahl, *Who Governs: Democracy and Power in an American City*. (New Haven, Yale University Press, 1961).
- (41) Harold D. Lasswell, Daniel Lerner & Ithiel de Sola Pool, *The Comparative Study of Symbols*. (Stanford, Stanford University Press, 1952); Bernard Berelson, *Content Analysis in Communication Research* (Glencoe, Illinois, Free Press, 1952); Charles E. Osgood, George J. Suci & Percy H. Tannenbaum, *The Measurement of Meaning*. (Urbana, Ill., University of Illinois Press, 1957); e Ithiel de Sola Pool (ed.) *Trends in Content Analysis*. (Urbana, Ill., University of Illinois Press, 1959).
- (42) Robert A. Dahl, "The Behavioral Approach in Political Science", p. 763.
- (43) Paul F. Lazarsfeld (ed.) *Mathematical Thinking in the Social Sciences*. (Glencoe, Ill., Free Press, 1954); Paul F. Lazarsfeld & Morris Rosenberg (eds.) *The Language of Social Research. A Reader on the Methodology of Social Research*. (Glencoe, Ill., Free Press, 1955); e, Edward R. Tufte (ed.) *The Quantitative Analysis of Social Problems*. (Reading, Mass., Addison Wesley 1970. Originalmente publicado em 1959). Para uma história sobre os métodos quantitativos nas ciências sociais consultar Harry Woolf (ed.) *Quantification: A History of the Meaning of Measurement in the Natural and Social Sciences*. (Indianapolis, Bobbs-Merrill Co. 1961) especialmente o trabalho de Paul F. Lazarsfeld, "Notes on the History of Quantification in Sociology — Trends, Sources and Problems". Para uma discussão sobre este tipo de métodos consultar Hayward R. Alker, *Mathematics and Politics*. (New York, Macmillan, 1965) especial-

- mente os capítulos 5 e 6, pp. 89-129. Para exemplos de sua aplicação ver O. D. Duncan, "Path Analysis: Sociological Examples", *American Journal of Sociology*, 72 (1966) pp. 1-16; David Singer & David Small, *The Wages of War, 1816-1965*. (New York, Wiley, 1972) e Bruce M. Russett (ed.) *Peace, War and Numbers*, (Beverly Hills, Calif., Sage Publications, 1972).
- (44) Ralph E. Gerard, "Higher Levels of Integration", *Science*, 95 (1942) pp. 303-313; "A Biologist's View of Society", *Common Cause*, 3 (1950) pp. 360-366; Nicholas Rashvesky, *Mathematical Theory of Human Relations. An Approach to a Mathematical Biology of Social Phenomena* (Bloomington, Indiana, Principia Press, 1947) e *Mathematical Biology of Social Behavior*. (Chicago, University of Chicago Press, 1951). Roy F. Grinker (ed.) *Toward a Unified Theory of Human Behavior*. (New York, Basic Books, 1954), especialmente os trabalhos de Talcott Parsons, Anatol Rapoport, K. W. Deutsch e John P. Spiegel. Charles A. McClelland, "Applications of General Systems Theory in International Relations", *Main Currents in Modern Thought*, 12 (November 1955) pp. 27-34; e Ludwing von Bertalanffy, "General Systems Theory" em *General Systems: Yearbook of the Society for the Advancement of General Systems Theory*, 2 (1956).
- (45) Claude E. Shannon & Warren Weaver, *The Mathematical Theory of Communication*. (Urbana, Ill., University of Illinois Press, 1949); Norbert Wiener, *The Human Use of Human Beings*. (Boston, Houghton, Mifflin, 1950) e *Cybernetic*. 2ª ed. (Cambridge, Mass., MIT Press, 1961). A. Ross Ashby, *An Introduction to Cybernetics*. (New York, Wiley, 1956); e Colin Cherry, *On Human Communication*. (New York, 1957).
- (46) David Easton, *The Political System*. (New York, Knopf, 1953) e *A Framework for Political Analysis* (Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1965). Também, *A System Analysis of Political Life*. (New York, Wiley, 1965).
- (47) John von Neuman & Oskar Morgenstern, *Theory of Games and Economic Behavior*. (Princeton, Princeton University Press, 1944); Robert Duncan Lee & Howard Raiffa, *Games and Decisions*. (New York, Wiley, 1957); Duncan Black, *The Theory of Committees and Elections*. (Cambridge, England, Cambridge University Press,

- 1958); Lincoln Bloomfield, "Three Experiments in Political Gaming", *American Political Science Review*, 53 (December 1959) pp. 1105-1115; Thomas A. Schelling, *The Strategy of Conflict*. (Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1960); e, Anatole Rapoport, *Fights, Games and Debates*. (Ann Arbor, Michigan, University of Michigan Press, 1960).
- (48) Herbert A. Simon, *Models of Man: Social and Rational. Mathematical Essay on Rational Human Behavior in a Social Setting*. (New York, Wiley, 1957). Anthony Downs, *An Economic Theory of Democracy*. (New York, Harper & Row, 1957); T.W. Anderson, "Probability Models for Analyzing Time Changes Attitudes", em Paul F. Lazarsfeld (ed.), *Mathematical Thinking in the Social Sciences*.
- (49) Ver Morris Janowitz (ed.), *Community Political Systems. International Yearbook of Political Behavior Research*. Vol. I (New York, Free Press, 1961); Dwaine Marvick (ed.), *Political Decisionmaking. Ibid.*, Vol., II (New York, Free Press, 1961); Samuel P. Huntington (ed.), *Changing Patterns of Military Politics. Ibid.* Vol. III (New York, Free Press, 1962); Glendon Schubert (ed.), *Judicial Decisionmaking. Ibid.* Vol. IV (New York, Free Press, 1963); David E. Apter (ed.), *Ideology and Discontent. Ibid.* Vol. 5 (New York, Free Press, 1964).
- (50) Sobre as origens do Inter-University Consortium e a influência dos historiadores em sua criação, ver mais adiante, página 26 e seguintes.
- (51) Swierenga (ed.), *Quantification*, p. 3.
- (52) William O. Aydelotte, "Voting Patterns in the British House of Commons in the 1840's". *Comparative Studies in Society and History*, 5 (January 1963) pp. 134-163.
- (53) Ver, "Party and Issues in Early Victorian England," *Journal of British Studies*, 5 (May 1966) pp. 95-101; "The County Gentlemen and the Repeal of Corn Laws," *English Historical Review*, 82 (January 1977) pp. 47-60; "The Conservative and Radical Interpretations of Early Victorian Social Legislation," *Victorian Studies*, 11 (1967) pp. 225-236.; e, "The Desintegration of the Conservative Party in the Eighteen-Forties: A Study of Political Attitudes," originalmente apresentado na Conference on Applications of Quantitative Methods to Political, Social and Economic History, em Chicago, junho de 1969 e publicado por William O. Aydelotte, Allan

- G. Bogue e Robert W. Fogel (eds.), *The Dimensions of Quantitative Research in History*. (Princeton, Princeton University Press, 1972) pp. 319-346.
- (54) Originalmente publicado em *American Historical Review*, 71 (Abril 1966) pp. 808-825 e reproduzido em Swierenga (ed.) *Quantification*, pp. 6-24.
- (55) *From Praire to Corn Belt: Farming on the Illionis and Iowa Praires in the Nineteenth Century*. (Chicago, 1963).
- (56) "Bloc and Party in the United States Senate, 1861-1863," *Civil War History*, 13 (September 1967) pp. 221-241 e "Some Dimensions of Power in the Thirty-Seventh Senate," em William O. Aydelotte et. al. (eds.) *Dimensions*, pp 285-318.
- (57) *Journal of Contemporary History*, III (January 1968) pp. 5-27 e reproduzido em Swierenga (ed.) *Quantification*, pp. 36-52.
- (58) Samuel P. Hays, "New Possibilities for American Political History: The Social Analysis of Political Life," em Seymour Lipset & Richard Hofstadter (eds.), *Sociology and History: Methods*. (New York, Basic Books, 1968) pp. 181-227. Consultar também "Social Analysis of American Political History, 1880-1920," *Political Science Quaterly*, 80 (1965) pp. 373-394.
- (59) Ver, por exemplo, "History as Human Behavior," *Iowa Journal of History*, (July 1960) e "Computer and Historical Research," em Edmund A. Bowles (ed.) *Computer in Humanistic Research. Readings and Perspectives*. (Englewood Cliffs, NJ, 1967).
- (60) Bogue, "United States," p. 48.
- (61) Lee Benson, "Quantification, Scientific History, and Scholarly Innovation," em Swierenga (ed.), *Quantification*, p. 26. Originalmente publicado no *American Historical Association Newsletter*, 4 (June 1966) pp. 11-16.
- (62) Bogue, "United States," pp. 45-46
- (63) Publicado em Mirra Komarovsky (ed.), *Common Frontiers of the Social Sciences*. (Glencoe, Ill., Free Press, 1957) pp. 113-183.
- (64) Ibid. p. 117.
- (65) Lee Benson, *Turner and Beard: American Historical Writing Reconsidered*. (Glencoe, Ill., Free Press, 1960).
- (66) Ibid., p. 228.

- (67) É de notar que Benson, na primeira edição desta obra não incluiu uma discussão relativa aos métodos e técnicas que utilizou para alcançar suas conclusões. Esta falta foi corrigida na edição em "paperback" (New York, 1964) donde na introdução ele incorpora uma descrição detalhada de sua metodologia.
- (68) Ver os artigos de Richard P. McCormick, "Suffrage Classes and Party Alignments: A Study in Voting Behavior," *Mississippi Valley Historical Review*, 46 (December 1959) pp. 398-403, e "New Perspectives on Jacksonian Politics," *American Historical Review*, (January 1960) pp. 288-301.
- (69) Os dados relativos a esse assunto foram obtidos principalmente das seguintes obras: Bogue, "United States," pp. 41-43; Benson, "Quantification," pp. 27-28; William E. Miller & Converse, "The Inter-University Consortium for Political Research," *International Social Science Journal*, 16 (1944) pp. 70-76; e, "The Inter-University Consortium for Political Research: Progress and Prospects," *Historical Methods Newsletter*, 2 (June 1969) pp. 1-5.
- (70) Ver, Samuel P. Hays, "Computer and Historical Research," palestra apresentada na "Pardue Conference on the Use of Computer in the Humanities," Outubro de 1965, e publicada em Edmund A. Bowles (ed.), *Computer in Humanistic Research, Readings and Perspectives*. (Englewood Cliffs, N.J., 1967) p. 71ss. Uma pesquisa levada a cabo pelo American Council of Learned Societies em 1965, sobre o uso da computação em projetos de pesquisa na área de Ciências Humanas, de duzentos respondentes, só 35 foram historiadores (Edmund A. Bowles, N.J., 1967) p. 71ss. Uma pesquisa levada a cabo pelo American Council of Learned Societies em 1965, sobre o uso da computação em projetos de pesquisa na área de Ciências Humanas, de duzentos respondentes, só 35 foram historiadores. Em Bowles (ed.), *Ibid.* "Computerized Research in the Humanities: A Survey," originalmente publicado em *ACLS Newsletter, Special Supplement* (June 1966) pp. 10-16.
- (71) Swierenga, *Quantification*, pp. xxii, xv-xvi.
- (72) Ver, por exemplo, Robert P. Swierenga, "Land Speculator 'Profits' Reconsidered: Central Iowa Test Case", *Journal of Economic History*, 27 (March 1967) pp. 1-28 e, "The Ethnic Voter and the First Lincoln Election", *Civil War History*, 11 (March 1965); Richard L.

Merrit, *Symbols of an American Community* (New Haven, Conn., 1966); David Donald, *The Politics of Reconstruction, 1863-1867*. (Baton Rouge, 1965); Joe W. Silbey, "The Civil War Synthesis in American Political History", *Civil War History*, 10 (June 1964) pp. 130-140, e *The SHRINE OF THE Party, Congressional Voting Behavior, 1841-1952*. (Pittsburgh, 1967); Glenn M. Linden, "Radicals and Economic Politics: The Senate 1861-1873", *Journal of Southern History*, 32 (May 1966) pp. 189-199; Jerme M. Clubb & Howard W. Allen, "Party Loyalty in the Progressive Years: the Senate 1909-1915", *Journal of Politics*, 29 (August 1967) pp. 567-584; Thomas B. Alexander, *Sectional Stress and Party Strength. A Computer Analysis of Roll-Call Voting Patterns in the United States House of Representatives, 1837-1860*. (Nashville, 1967); Glenn M. Linden, "Radicals and Economic Policies: The House of Representatives, 1861-1873", *Civil War History*, 13 (March 1967) pp. 51-65; T.W. Heyck & William Klecka, "British Radical M.P.'s, 1874-1895: New Evidence from Discriminate Analysis", *Journal of Interdisciplinary History*, 4 (1973).

- (73) Roderick Floud, *An Introduction to Quantitative Methods for Historians*. (Princeton, 1973); Richard Jensen & Charles M. Dollar, *Quantitative Historical Research*. (New York, 1970) e *Historian's Guide to Statistics*. (New York, 1971); David S. Landes & Charles Tilly (eds.) *History as a Social Science*. (Englewood Cliffs, NJ, 1971); e Robert F. Berkhofer Jr., *A Behavioral Approach to Historical Analysis*. (New York, 1969).